

LÍNGUA GUAJAJÁRA: UM ESTUDO SOBRE A INTERFERÊNCIA E EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

BARBOZA, Tereza Maracaipe

Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT
terezamaracaipe@bol.com.br

Resumo: Este artigo analisa a interferência da língua portuguesa na língua guajajára. Nosso objetivo é verificar em quais aspectos da língua se dá a ocorrência da interferência do português nessa língua. Nessa perspectiva nos filiamos à área de estudos linguística de contato, formulada por Uriel Weinreich (1953) que faz uma abordagem sobre línguas em contato. Os dados aqui analisados é um recorte da pesquisa feita por Tabita Fernandes Silva (2010) em aldeias guajajára, no estado do Maranhão. Tomamos como corpus fragmentos dessa pesquisa para analisarmos se na fala dos guajajára, o fruto do contato linguístico entre índios e não-índios tem ocasionado situação de bilinguismo. Com base nesse corpus pretendemos fazer uma discussão teórico-analítica da situação de contato linguístico desses povos. Vale citar que estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre bilinguismo também em aldeias guajajára da Região de Barra do Corda-Ma. No entanto, a análise ainda se encontra em caráter preliminar. Os resultados a que se chegou na pesquisa da autora mostram que na fala dos guajajára ocorre a interferência de elementos de ordem gramatical do português, assim como também, empréstimos de itens lexicais adaptados a fonologia da língua guajajára. A intensa situação de contato entre índios e não-índios tem propiciado essa ocorrência.

Palavras-chave: Bilinguismo; Interferência; Língua Guajajára; Língua Portuguesa

Introdução

O contato entre línguas existe desde o período da colonização, quando no Brasil diversas línguas circularam no mesmo espaço, dentre elas as línguas ameríndias, africanas e europeias. Estudos desenvolvidos por linguistas afirmam que o contato linguístico propicia mudanças no sistema linguístico das línguas. Para entender melhor essa abordagem mobilizamos tópicos da literatura de Uriel Weinreich, que trata sobre línguas em contato. A partir de sua obra, *languages in contact: findings and problems*, datada de 1953, os estudos sobre fenômenos ocasionados do contato de línguas obtiveram grande desenvolvimento. Os estudos de Weinreich é focado especificamente no fenômeno contato de línguas. Sendo sua obra, fruto da tese de doutoramento sobre o bilinguismo na Suíça. Inerente ao fenômeno do bilinguismo, o autor estudou outro fenômeno, o da interferência. Ele formulou o pressuposto de que as ocorrências da interferência são estimuladas por fatores estruturais e socioculturais. O autor acrescenta ainda que a interferência de uma língua sobre a outra pode ser explicada com base em dados da fala de pessoas bilíngues. Os estudos de Weinreich indubitavelmente trouxeram grandes contribuições para o surgimento da Sociolinguística. Pois ele introduziu em seus estudos a importância de considerar também os fatores extralinguísticos nos estudos linguísticos.

Este trabalho objetiva descrever a situação de contato entre a língua guajajára e a língua portuguesa, a interferência e os empréstimos da língua fonte (português/língua

estrangeira) na língua receptora (guajajára/nativa). E mostrar que a influência do português tem ocasionado alterações no padrão sintático e lexical da língua guajajára, adaptando o vocabulário da língua fonte à fonética da língua nativa. Feito um breve apanhado sobre os fenômenos linguísticos tratados pelo autor. Partamos então para o conceito de cada um deles.

1 Conceito de interferência¹

Weinreich (1953, p. 10) diz que a interferência é um termo que tem sido utilizado em uma variedade de conflito, em geral alguns bastante limitados (por exemplo) define-o como "desvios" da norma que ocorre na fala dos bilíngues, como resultado de sua familiaridade, com mais de uma língua".

Para evitar tal conflito, o autor afirma que procurará evitar o uso do termo interferência e ao invés dele usará "contact - induced Changes" (contato que induz mudanças) and "cross-linguística influence" (influência de uma língua em outra). Outro ponto que causou estranheza por parte de outros estudiosos foi o termo 'desvio de normas' que o autor deu para interferência, pois assumiu conotação negativa, uma vez que dá ideia de agressão às normas da língua, conota que a influência de uma língua sobre a outra, implica certa agramaticalidade. O contato entre línguas possibilita que o sistema linguístico de uma língua interfira sobre o outro ocasionando a inserção de elementos da outra língua (fonte) no interior da estrutura da língua (receptora). Resultando na reorganização dos padrões linguísticos advindos da inserção de elementos estrangeiros na língua.

Robert Lado (1971) aborda em sua obra, problemas que ocorrem na aprendizagem de uma estrutura gramatical estrangeira. Segundo ele, quando o aluno está aprendendo uma segunda língua, a tendência é ele transferir para a língua estrangeira, a estrutura gramatical da sua língua nativa. Como por exemplo, a flexão de número que nem sempre se flexiona em todos os elementos constituintes da frase. Quando o aprendiz percebe que a estrutura das duas línguas são semelhantes, ele transfere a estrutura de sua língua para a língua que está aprendendo. No entanto quando a estrutura for totalmente diferente de sua língua, a transferência feita não terá êxito.

2 Fatores estruturais da interferência

Correspondem aos fatores linguísticos, ou seja, ao sistema da língua, tais como os aspectos fonéticos morfológicos, lexicais, sintáticos. Weinreich classificou o estudo da interferência em três níveis: fônico, lexical e gramatical. O primeiro refere-se à pronúncias da língua materna na língua de contato. O segundo são os falsos cognatos que favorecem empréstimos e por fim o gramatical, que se dá quando o falante organiza a estrutura da frase da língua objeto com base na estrutura da sua língua materna. É através da interferência desses níveis, principalmente o lexical que se ocasiona situação de empréstimo.

O autor adverte que empréstimo é um fenômeno coletivo-recorrente em uma comunidade de fala. Pois em situação de uso de uma segunda língua em que o falante procura na própria língua um termo equivalente ele acaba utilizando esse termo, adaptando-o a sua língua de origem, modificando ou substituindo assim os traços linguísticos por um padrão equivalente em sua língua. O empréstimo é um fenômeno coletivo porque é comum todas as línguas tomarem empréstimos de línguas aparentadas. Temos como exemplo os empréstimos

¹ Tradução nossa.

do léxico indígena na língua portuguesa que é a consequência de inúmeros tupinismos em nossa língua. Essa prática ocorre também de forma contrária. Ou seja, o empréstimo de itens lexicais do português nas línguas indígenas. Constatação bastante frequente em decorrência do contato intenso entre as duas línguas. Em contrapartida, a interferência é vista por ele como um fenômeno individual e depende do grau de interlíngua do aprendiz.

Segundo Silva-Corvalán (1994 apud FERREIRA, 2005) a hipótese geral investigada em situações de contato de línguas é o desenvolvimento de estratégias que as pessoas bilíngues usam para lembrar e utilizar as duas línguas diferentes. As estratégias vão além da fonologia.

- (i) Simplificação de categorias gramaticais e oposições lexicais.
- (ii) Generalização de formas
- (iii) Desenvolvimento de construções perifrásticas
- (iv) Transferência de formas direta e indireta da língua superordinada
- (v) Code-switching, quando o falante usa 2 ou mais línguas na mesma situação de fala

Das estratégias acima, a nº (v) também é abordada por Weinreich. O outro fenômeno é *code-mixing*, na qual as duas línguas se misturam, resultando em línguas híbridas, totalmente misturadas em situação de fala. É a partir dessa tese que Weinreich inclui que o empréstimo de elementos lexicais de uma língua para outra é próprio à interferência.

Myers Scotton (2002 apud PETTER, 2011) considera o contexto social, como influente na estrutura interna da língua. Sua abordagem fundamenta-se no *Matrix Language Frame Model* (MLF), Modelo de língua Matriz, cujo aspecto fundamental é a diferença entre Língua Matriz e Língua Encaixada (*Embedded Language - EL*), na qual confirma que não há simetria entre as línguas participantes, conhecida na literatura como *codeswitching*. Foi a partir dos estudos de *codeswitching* que Myers-Scotton desenvolveu o modelo ML- EL (*Matrix Language - Embedded Language*). O Modelo de Língua Matriz tem suporte em outros dois: dos 4-M (quatro morfemas) e o do Nível Abstrato. O primeiro modelo faz distinção entre morfemas de conteúdo (*content morphemes*) e morfemas gramaticais (*system morphemes*), o qual é a oposição básica do modelo dos 4-M. O modelo de Nível Abstrato sugere que há três níveis na estrutura gramatical de qualquer item lexical:

- (1) Estrutura léxico-conceptual (traços semânticos – pragmáticos); (2) estrutura predicado-argumento (relações entre atribuidores de papel temático e os argumentos que mapeiam as unidades estruturais); (3) modelos de realização morfológica (incluindo ordem de constituintes e elementos requeridos pelas restrições de boa formação no nível da superfície). (MYERS-SCOTTON, 2002 apud PETTER, 2011, p. 266).

Segundo a autora a estrutura léxico-conceptual é a mais vulnerável à mudança, em segundo é a estrutura predicado-argumento e por último a estrutura morfológica. Os aspectos tratados aqui pela autora são claramente lexicalista, como se observa no modelo dos 4-M e no Modelo do Nível Abstrato.

3 Fatores socioculturais da interferência.

Antes dos estudos de Weinreich, outros estudiosos consideravam somente aspectos linguísticos (estruturais) no fenômeno da interferência. Weinreich, ao contrário, foi pioneiro em levar em conta também aspectos socioculturais do contato entre línguas nos estudos linguísticos. O autor considerou os aspectos não-estruturais no estudo da interferência por entender que a língua está em contato direto com o mundo exterior. Os fatores extralinguísticos têm, portanto, uma visão social e cultural causando também o fenômeno da interferência. Weinreich (1953, p.25) afirma "Sem um claro entendimento da história e da

dinâmica social da situação de contato nós não estamos em posição para explicar coisa alguma”. (tradução nossa).

Thomason e Kaufman (1998 apud PETTER, 2011) se posiciona também a favor dos fatores históricos que envolvem a situação sociolinguística dos falantes, ao considerar que o determinante principal do resultado do contato de línguas, não é a estrutura da língua, mas a convivência do falante entre duas línguas, o grau de contato entre elas, entre outros fatores. Para esses autores, há duas categorias decorrentes do contato de línguas, são elas, empréstimo e interferência de substrato. A título de exemplificação fazem um comparativo do contato do português brasileiro com as línguas africanas, enfocando que a interação do português brasileiro em contato com as línguas africanas resultou em empréstimos quando os falantes de português incorporaram traços das línguas africanas e quando os africanos transferem para o português traços do que aprendeu de forma ainda nem tanto fluente, ocorre então a interferência via mudança.

Van Coetsem (2000, apud PETTER, 2011) traz outras categorias de contato de línguas. Ele faz distinção entre dois tipos de influência translinguística: empréstimo e imposição. Essa última categoria equivale à denominação de interferência via mudança usada por outros da área de linguística de contato. Para Van Coetsem, diferentemente de outros autores tanto o empréstimo quanto a imposição podem ocasionar mudanças, porque nos dois há uma língua fonte (LF) e uma receptora (LR). O autor insere em seus estudos a categoria imposição. O processo de transferência dos traços de uma língua para outra acontece sempre da (LF) para a (LR). O agente da transferência pode alternar-se, ora sendo a (LR) e ora (LF) do falante. Quando ocorre a agentividade da (LR), tem-se empréstimos, no qual a (LR) é a dominante do falante. Em contrapartida, quando há agentividade da (LF) tem-se imposição, porque a língua fonte é a dominante. O critério de dominância linguística se dá pela proficiência do falante, a qual se torna fator preponderante para assumir o posto da agentividade da (LR) ou da (LF). Ou seja, a língua que sofre a dominância pode passar a dominar com o tempo. O que determina a diferença na agentividade da (LR) e da (LF) é a estabilidade da língua, que se encontra nos aspectos gramaticais. Portanto, na imposição, quando a (LF) tem uma gramática mais estável, a tendência é ela transferir com mais facilidade para a (LR) aspectos gramaticais, resultando na mudança estrutural da (LR) do falante.

4 Relação entre as línguas indígenas e portuguesa: contato ou conflito?

A história do Brasil é toda permeada por contatos linguísticos. Ao longo do descobrimento até a atualidade, têm convivido no mesmo espaço populações ameríndias, europeias, africanas e asiáticas. As relações estabelecidas entre as línguas indígenas e portuguesa se deu sob tensão, no período da colonização. Contendo assim mais uma situação de conflito do que de contato de línguas. O termo "conflito" foi utilizado por Aracil (1965 apud FRANCESCHINI, 2011) para designar a coexistência antagônica de duas ou mais línguas em um mesmo espaço geossocial. A ideia de conflito, empregado pelo autor diverge do conceito de línguas em contato já exposto nesse trabalho pelo Weinreich. A contraposição adotada entre os dois termos ocorre em virtude do termo contato ser considerado pelos outros estudiosos como "harmonioso" e ocultar uma situação linguística totalmente diferente, que é a imposição, a substituição das línguas minoritárias.

Franceschini (2011) faz tradução de uma redefinição dinâmica da diglossia formulado por Cichon (1997, p.38).

"todo contato hierárquico de línguas utilizadas nas mesmas áreas linguísticas leva em última consequência ao desaparecimento forçado da língua socialmente menos competitiva. Consequentemente, ele quer ao mesmo

tempo advertir os locutores das línguas minorizadas desta ameaça e os munir de um saber emancipatório”.

Com base nessa definição, que os estudiosos contrários à concepção de línguas em contato, sustentaram a tese de que é impossível conceber uma existência harmoniosa de duas ou mais línguas em uma mesma comunidade de fala, pois iria acarretar em uma hierarquia dessas línguas, dando a essas línguas em contato um status de poder (domínio) para uma e para outra de dominada. Constituinte, portanto, um conflito entre línguas. No que tange especificamente ao contato entre as línguas indígenas e portuguesa, fica claro por toda a historicização já conhecida que esse contato se deu sob conflito entre povos distintos e, por conseguinte, línguas e culturas também distintas.

Mariani (2004) define como um processo de encontro de línguas imaginárias constituídas por povos com memórias, histórias e políticas de sentidos diferentes, as quais em determinadas condições de produção têm a língua colonizadora impondo-se sobre a língua colonizada. Quando os portugueses chegaram ao Brasil teria sido de cerca de 1,2 mil o número de diferentes línguas faladas em nosso território pelos povos indígenas. Hoje são faladas cerca de 150 em território brasileiro (RODRIGUES, 1993). A ação portuguesa sob o Brasil não se deu apenas na conquista por territórios, mas também na imposição da língua portuguesa e posteriormente ao extermínio das línguas indígenas através de um ato político-jurídico, o diretório dos índios².

5 Contato dos povos guajajára com não-índios: breve relato de contato histórico e linguístico

Segundo Rodrigues (1994), as línguas indígenas do Brasil são bastante diversificadas, o que permitiu classificá-las segundo critérios genéticos obedecendo graus de semelhanças entre as línguas. No Brasil, temos dois grandes troncos, o Tupi e o Macro-jê. O Tupi é um dos maiores troncos linguísticos do país, composto por dez famílias linguísticas. As famílias do tronco tupi estão situadas nos limites do território brasileiro, ao sul do rio Amazonas, entre as quais a família Tupi-Guarani, a qual pertence a língua Guajajára, objeto de nosso estudo. De acordo com dados do último censo, o povo Guajajára está estimado em 24.428, e tem 8.269 falantes (IBGE, censo 2010), estão habitados em onze terras indígenas, localizadas na região central do Maranhão, sobretudo nos municípios de Barra do Corda, Grajaú e Amarante. Embora esses dados possam não refletir um número tão pequeno de falantes, em relação aos números cada vez mais reduzidos de falantes da língua nativa de outras etnias, constata-se através de pesquisas bibliográficas de Silva (2010), que os guajajára atualmente falam tanto sua língua nativa, quanto o português. Silva (Op. Cit p. 1092) afirma: “A situação dos guajajára em termos de proximidade com a sociedade não indígena, ainda é mais extrema, uma vez que várias aldeias ficam a poucos metros das estradas que dão acesso aos municípios vizinhos”. Dessa forma, a influência da língua portuguesa sobre a língua guajajára é extremamente intensa, fato que sem dúvidas, torna-se preponderante na ocorrência de empréstimos.

O contato entre os guajajára e não índios é datado desde tempos mais remotos. O que nos permite nas linhas seguintes relatar um pouco desse contato, a fim de conhecer os fatos históricos que envolveram a relação entre os diferentes povos. Para conhecermos a história dos guajajára é preciso antes fazermos um apanhado sobre os tenetehára, grupo no qual os guajajára pertencem. A literatura aborda como primeira localização dos tenetehára o estado do Maranhão, especificamente a região do Pindaré. Na época da colonização, os povos

² Foi instituído por Marquês de Pombal em 1757, após a expulsão dos jesuítas da colônia. O Diretório determinava somente o uso da língua portuguesa no território brasileiro.

indígenas que habitavam o estado do Maranhão eram os tupinambá, o que certamente justifica o fato de ambos pertencerem à mesma família linguística. “Os tupinambá e os tenetehára falavam línguas da família tupi-guarani muito semelhantes entre si”. (RODRIGUES, 1984; 1985 apud SILVA, 2010, p. 1020).

Os povos indígenas do Maranhão constituíam, à época da colonização em todo o estado, uma população de aproximadamente, 25.000 índios, o que indica uma drástica redução quando comparada com estatísticas mais recentes de menos de 12.000 indivíduos (ZANONI & MIRTES, 1988 apud SILVA, 2010, p. 1121). Os tenetehára são um grupo maior que se subdivide em guajajára e tembé. Os primeiros estão situados no Maranhão e o segundo se divide em duas localidades: um que vive no sudeste do Pará e outro às margens do rio Gurupi, na divisa do Pará e Maranhão. Os tenetehára se subdividiram por conta da migração de alguns indígenas para o estado do Pará. Formando então duas variedades dentro dos tenetehára: os guajajára e os tembé.

Após esse apanhado sobre os tenetehára, vamos nos ater aos guajajára. A história do Brasil, desde o período da colonização, já põe em contato a língua do colonizador (português) e a do colonizado (índio). Esse contato teve seu apogeu em 1500, mas ainda perdura nos dias de hoje entre diversos povos indígenas. Entre eles a etnia guajajára. Os guajajára têm uma história de contato com os brancos marcada por conflitos. O primeiro contato provavelmente aconteceu em 1615, nas margens do rio Pindaré, com uma expedição explorada pelos franceses. Até os meados do século XVII, esses povos foram vítimas das expedições escravagistas dos portugueses no médio Pindaré. Quando os jesuítas foram expulsos do Maranhão, esses povos passaram a ser alvo de um sistema de patronagem ou clientelismo com os fazendeiros e comerciantes locais, tal sistema é baseado na dependência do cliente para com o patrão. Esse sistema ainda é presente na atualidade, refletindo assim ainda um regime escravagista.

Os guajajára foram marcados historicamente por tragédias e grande dizimação, consequência do contato entre os colonizadores portugueses. A maior revolta vivenciada por esses povos foi causada por um empreendimento de missão e colonização dos capuchinhos, a partir de 1897, em Alto Alegre, na região atual de Cana-Brava. A revolta foi motivada pela reserva de terras concedida aos tenetehára. Os frades capuchinos reivindicaram na justiça o direito sobre essas terras do Alto Alegre. Em 1976, a FUNAI reabriu o processo de demarcação dessa área que na época passou a ser chamada terra indígena guajajára-canabrava. No novo relatório de demarcação foi dado um parecer de que as terras do Alto Alegre não seriam mais incluídas na reserva, pois passaram a ser de propriedade legítima dos capuchinhos. Na tentativa de acabar com a missão dos capuchinhos, em 1901, o cacique Cauré Imana reuniu várias aldeias para destruir a missão e expulsar todos os brancos da região entre as cidades de Barra do Corda e Grajaú. Os índios foram derrotados pelo exército e Polícia militar, e ainda perseguidos por vários anos, vale citar que o maior número de vítimas ocorreu entre os guajajára do que entre os brancos.

Com toda a historicização relatada acima, podemos compreender que ao longo do tempo o contato entre os índios guajajára e não índios ocorrem há muito tempo. Esses fatores devem ser levados em conta, para uma análise da língua dos nativos, na perspectiva da Linguística de Contato.

6 Análise dos dados

Os dados aqui analisados é um recorte da pesquisa feita por Silva (2010, p. 1093-1094) nas aldeias guajajára, Angico torto e em Barreirinha, na região do Arame, no estado do Maranhão. Tomamos como corpus fragmentos dessa pesquisa para analisarmos se na fala dos

guajajára, o fruto do contato linguístico entre índios e não-índios ocasionou situação de bilinguismo.

Alguns Elementos de Natureza Gramatical do português na língua guajajára.

Conjunção

‘e’

e professora he a-rur ukwej w-apik

e professora 1 1-vir RLZ 3- sentar

pə t-en-aw r-ehe

GER R¹ -sentar-NOM R¹ -em.relação.a

‘eu vim... e a professora (estava) sentada no banco’

‘mas’

a-ha kwej he dutik añ ?i-pe

1-ir RLZ 1 sozinho INT7 rio-LOC

mas nan a-kide ?i Ø-?am kwej

mas NEG 1-ter medo rio 1-estar.em.pé RLZ

‘eu fui sozinha para o rio, mas eu não estava com medo’

‘porque’

a-ha kwej he dutik añ porque

1-ir RLZ 1 sozinha INT6 porque

he Ø-hi n u-iko-j kwej t-?p?i-me

1 R¹ -mãe NEG 3-estar.em.movimento-NEG RLZ R⁴ -casa-LOC

‘eu fui sozinha, porque a minha mãe não estava em casa’

porque Ø-puru-mukun

porque 3-gente engolir

‘porque ela engole gente’

Segundo a autora “esses elementos podem ser encontrados tanto em relatos como em conversas espontâneas e em sentenças elicitadas”. Percebemos que na fala dos indígenas ocorre a interferência de conjunções, elementos de ordem gramatical do português. Mas no decorrer da fala, itens lexicais e verbais são proferidos na língua nativa. Confirmando, portanto, o que Weinreich afirmou sobre línguas em contato em situação de bilinguismo, ocasiona o falante a utilizar os dois códigos alternadamente, ou seja, ocorre o code-switching, no qual a mudança de uma língua para outra ocorre na frase. A intensa situação de contato entre os povos propicia essa ocorrência.

As palavras a seguir fazem parte do cotidiano dos guajajára e ocorrem com bastante frequência.

aroj~aroz	‘arroz’
asuka~asuk	‘açúcar’
kafe	‘café’
pratu	‘prato’
kuze	‘colher’
ʃapew	‘chapéu’

kopo	‘copo’
kanek	‘caneco’
janela	‘janela’
ʃampu	‘xampu’
televisãw	‘televisão’
tumat	‘tomate’

Os itens lexicais da língua portuguesa (fonte) já foram tomados como empréstimos na língua receptora (guajajára), os quais já são bastante usuais no dia-a-dia dos indígenas.

Em televisão percebemos o fenômeno que Câmara Jr (1975) denomina de semiditongos, em que o [w] assilábico é inserido na situação de substituição do fonema [o] pelo [w], assim fica: *televisãw*. Assim como podemos constatar em boné, léxico do português substituído pelo termo correspondente para os guajajára *ʃapew*, neste caso, a substituição acontece do [l] pelo [w].

Na palavra arroz temos uma variante binária em relação ao fonema [z] em coda silábica: *aroj~aroz*, [z] pode ser pronunciado [j] ou [z], de acordo com a modificação do trato consonantal que podem ocorrer no aparelho articulatório. O empréstimo desse léxico fez uma adaptação à fonologia da língua guajajára, substituindo o fonema /z/ por /j/.

Em *kafe* e *kopo* temos a substituição do fonema /c/ por /k/, os quais representam o mesmo som nas duas línguas. Já em *kanec* que se refere à “*caneco*” temos a substituição do fonema /c/ por /k/ e o apagamento da vogal final átona.

É notório percebermos dois léxicos da língua portuguesa sem fazer nenhuma adaptação à língua guajajára. São eles: *telefone* e *janela*. O primeiro vocábulo representa um elemento da cultura material, típico dos não-índios. O que pode sugerir o forte contato entre povos diferentes e conseqüentemente cultura e língua também diferentes.

Em *pratu* e *tumat* temos a difusão lexical em relação a vogal média alta oral [o] que passa para a vogal posterior alta oral [u]. Difusão lexical consiste na explicação de como determinados itens lexicais realizam-se com formas fonológicas ou sintáticas em detrimento de outros elementos. Além disso, temos o apagamento do vogal média oral [e] no final da palavra tomate. Realçando dessa forma mudanças mínimas de uma língua para outra.

Em *asuk*, referente a palavra açúcar temos o enfraquecimento e o apagamento da vogal baixo oral [a] e da vibrante [r]. A mesma mostra uma adaptação tomada por empréstimo da língua portuguesa bastante perceptível.

Considerações finais

O estudo abordado nesse artigo sobre línguas em contato, formulada por Weinreich (1953) nos deu embasamento para analisarmos a influência da língua portuguesa na língua Guajajára. De acordo com os dados pudemos constatar que há realmente a interferência da língua Portuguesa na Guajajára e essa se dá através do fenômeno code-switching (alternância de código, na qual como se verifica na situação de fala, os indígenas fazem uso de sua língua, mas em determinadas categorias linguísticas fazem uso tanto de elementos lexicais quanto de estruturas gramaticais do Português, como observado nas interferências de conjunções na fala.

Os empréstimos lexicais fazem parte de elementos usuais no cotidiano, alimentos e outros. Essa constatação mostra que além dos fatores linguísticos, os aspectos socioculturais também têm influência direta na língua desses povos, o fato das aldeias guajajára estarem localizadas próximas ao setor urbano, possibilita um maior contato entre índios e não índios e conseqüentemente línguas em contato, que ocasiona situação de bilinguismo.

Referências

- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1975.
- FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. *In*: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Coleção: Linguagem e sociedade. vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- FERREIRA, Marília. **Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos parkatêjê**. 2005.
- GOMES, Mércio P. **O índio na história: a saga do povo tenetehara em busca da liberdade**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia estatística. Disponível em: indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/linguas. Acesso em 20, Out. 2013.
- LADO, Robert. **Introdução à linguística aplicada**. Petrópolis-RJ. Editora vozes LTDA,1971.
- MARIANI, Betânia. **Colonização Linguística**. Campinas: Pontes, 2004.
- MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- PETTER, Margarida. A influência das línguas africanas no português brasileiro. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tomaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RODRIGUES, ARION Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo. Edições Loyola, 1994.
- SILVA, Tabita Fernandes. **História da língua tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família tupi-guarani do tronco tupi**. 2010.1145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Disponível em: unb.br/bitstream/10482/.../3/2010_TabitaFernandesdaSilva.pdf. Acesso em: 23, Abr. 2013.
- WEINREICH, U. **Languages in contact: Finding and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.